

A IMPLACÁVEL VELOCIDADE
DA MISERICÓRDIA

A biografia espiritual
de Flannery O'Connor

JONATHAN ROGERS

A IMPLACÁVEL
VELOCIDADE
DA MISERICÓRDIA

A biografia espiritual
de Flannery O'Connor

Tradução
Juliana Amato



QUADRANTE

São Paulo

2021

Título original
*The Terrible Speed of Mercy: A Spiritual Biography
of Flannery O'Connor*

Publicado mediante acordo com
The Zondervan Corporation L.L.C, divisão da HarperCollins
Christian Publishing, Inc.

Capa
Larissa Fernandez

Fotografia de capa
Science History Images / Alamy Stock Photo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rogers, Jonathan

A implacável velocidade da misericórdia : a biografia espiritual de Flannery O'Connor / Jonathan Rogers; tradução de Juliana Amato – 1ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2021.

Título original: *The Terrible Speed of Mercy: A Spiritual Biography of Flannery O'Connor*

ISBN: 978-65-86964-85-1

1. O'Connor, Flannery, 1925-1964 2. Escritoras americanas - Biografia I. Título.

CDD 868.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritoras americanas : Ensaios autobiográficos 868.4

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Nota à edição americana	9
Introdução	11
1. A garota que lutava com os anjos	21
2. «Sobretudo, ela falava Flannery»	37
3. «Comecei a ler tudo de uma vez»	47
4. «A peculiaridade [...] da experiência que descrevo»	57
5. A doença é um lugar	73
6. <i>Sangue sábio</i>	91
7. «Parece que atraio a ala dos lunáticos»	107
8. <i>Um homem bom é difícil de encontrar</i>	125
9. «O nome exato das coisas de Deus»	143
10. «A sociedade da qual me alimento»	161
11. <i>Os violentos o arrebatam</i>	177
12. <i>Tudo o que se eleva deve convergir</i>	195
13. «Além da zona dos trovões»	211
Agradecimentos	221

Para Andrew Peterson
e toda a comunidade de Rabbit Room

Nota à edição americana

Ao longo deste livro há cerca de treze insultos raciais altamente ofensivos, todos citados das narrativas ou correspondências de Flannery O'Connor. A equipe editorial discutiu em certa medida qual seria a melhor maneira de lidar com eles, levando-se em conta a sensibilidade dos leitores do século XXI. No fim, decidimos deixar as palavras com toda a sua força ofensiva, com base na ideia de que a repugnância que o leitor sente ao lê-las é a principal razão que levou a autora a escolhê-las. Pode ser verdade que o racismo fosse mais explícito nas décadas de 1950 e 1960 do que no século XXI, mas isso não explica por que O'Connor usou as palavras que usou nos treze exemplos citados neste livro. Um leitor de ficção literária nos anos 1950 não ficaria menos ofendido com o uso dessa palavra do que um leitor em 2012. Limpar o linguajar de Flannery O'Connor seria o mesmo que sugerir que compreendemos mais do que ela o quanto ele soa ofensivo, ou talvez que os leitores deste livro ofendem-se com mais facilidade do que seu público original. Não

temos razões para acreditar que essas opções sejam verdadeiras. Assim, mantivemos a linguagem de O'Connor intacta e deixamos com o leitor esta advertência: talvez você ache a linguagem deste livro ofensiva; é assim mesmo que deve ser.

Introdução

Flannery O'Connor tinha 27 anos quando *Sangue sábio*, seu romance de estreia, foi publicado. Era pequena e tinha feição doce, apesar de já ter vivido dois anos com lúpus. Em geral, mostrava-se calada em público, mas quando abria a boca falava cantado, como os habitantes do piemonte georgiano. Basicamente, ela não parecia uma força a ser levada em consideração.

Ao visitar seus amigos em Nashville, Flannery encontrou um homem que colocou em palavras o que muitas das pessoas que a conheciam devem ter pensado a respeito dela. «É um livro profundo», disse ele. «Não parece que foi você quem o escreveu».

Flannery relatou a cena em carta a Elizabeth e Robert Lowell. Respondeu que «enruguei todo o meu rosto numa expressão franzida e rosnei: “Sim, fui eu”»¹.

E fora mesmo. Flannery O'Connor, que levava uma vida de classe média confortável, convencional e diligente numa fazenda de gado leiteiro em Milledgeville, Geórgia, escreveu histórias que são como tempestades, dotadas de

(1) *The Habit of Being*, p. 65.

repentes de violência e de *flashes* de revelação que caem do céu para, de uma só vez, destruir e iluminar.

Nada no comportamento de Flannery O'Connor sugeriria que tempestades como aquelas poderiam originar-se em seu interior. Sua vida era silenciosa – não isenta de problemas, mas comum e estável. Exceto pelos cinco anos e meio em que cursou oficinas de escrita em Iowa, Nova York e Connecticut, a autora passou a vida inteira na Geórgia, sob o teto de sua mãe, que podia ser um tanto dominadora, mas era extremamente zelosa da saúde e do bem-estar de Flannery. Ela sempre permitia que a filha trabalhasse em paz, mesmo que nem sempre apreciasse o que estava sendo escrito.

Flannery O'Connor e sua mãe levavam uma vida controlada e devota numa fazenda chamada Andalusia. Elas acordavam todos os dias para as orações das seis da manhã e, então, iam juntas à igreja católica do Sagrado Coração para a Missa das sete. Sentavam-se no mesmo banco todos os dias.

Depois da Missa, as O'Connor voltavam à fazenda. Flannery sentava-se diante da máquina de escrever no cômodo da frente, onde ficava a sala de estar. Ali – todas as manhãs, incluindo aos domingos –, ela passava quatro horas escrevendo histórias sobre pregadores de rua, prostitutas, delinquentes juvenis, profetas isolados, fazendeiros sofridos, atrações de circo, assassinos, charlatões e pessoas mutiladas, enquanto sua mãe cuidava dos negócios da casa e da fazenda.

Ao meio-dia, as O'Connor dirigiam-se à cidade novamente, onde almoçavam no salão de chá da Stanford House, em meio às senhoras de chapéu e luvas das classes mais altas de Milledgeville. De acordo com o biógrafo

Brad Gooch, Flannery gostava muito do camarão frito da Stanford House e de sua torta de hortelã.

Não, Flannery O'Connor não parecia alguém capaz de escrever *Sangue sábio*, *The Violent Bear it Away* ou *Um homem bom é difícil de encontrar*. Nada, na história de sua vida, parece tocar a peculiar atmosfera – a atmosfera maltrapilha, violenta e decadente – que define sua ficção. «Nunca escreverão uma biografia minha», escreveu a autora, «por uma única razão: vidas que se passam entre a casa e o galinheiro não dão uma história nada emocionante»². No entanto, sua vida não foi tão isenta de emoções assim. Especialistas como Jean Cash, Paul Elie e Brad Gooch demonstraram que a vida dela fornece, de fato, matéria-prima para uma biografia fascinante. É verdade, por outro lado, que se tratou de uma vida em grande parte livre do drama, da autocomplacência e da complexidade que muitas vezes resultam nas «histórias fascinantes» que são a vida de seus colegas. Não há explosões, colapsos, rompimentos ou vícios na vida de Flannery O'Connor. O que há é, sobretudo, uma atenção silenciosa ao trabalho que ela tinha em mãos.

Flannery O'Connor escreveu sobre grandes mistérios. Escreveu *nos* grandes mistérios, e era ela mesma um mistério. Em «A vida que você salva pode ser a sua», o sr. Shiftlet fala sobre os mistérios do coração humano em seu primeiro encontro com Lucynell Crater:

«Minha senhora», disse, virando-se para lhe dar toda a atenção, «deixa eu lhe contar uma coisa. Há um médico desses, lá em Atlanta, que arrancou com

(2) Ibid., p. 291.

uma faca o coração de um homem – o coração de um homem», repetiu, inclinando-se para chegar mais perto, «de dentro do peito, e o pegou na palma da mão», e nesse ponto ele estendeu a sua, virada para cima, como se nela pesasse levemente o coração em questão, «para o estudar como se fosse um pinto de um dia, e ele, minha senhora», acrescentou, permitindo-se uma pausa longa e significativa, durante a qual sua cabeça deslizou para a frente e seus olhos cor de barro brilharam, «não sabe mais sobre isso do que nenhum de nós dois.»

«É verdade», a velha disse.

«Pois é, nem se ele pegasse a faca para partir o coração em pedaços saberia mais do que nós. Quanto quer apostar?»

«Nada», disse a velha, sagaz³.

O biógrafo de Flannery O'Connor encontra-se na mesma situação do médico de Atlanta. Quantidade nenhuma de informações que possa recolher sobre os fatos e acontecimentos de sua vida o fará chegar à sua essência. No que diz respeito a Flannery O'Connor, não há quaisquer correspondências entre esta e aquelas. Felizmente temos as suas cartas, que abrem janelas para uma vida interior em que todos os mundos orbitam e se chocam.

As restrições externas a que O'Connor foi submetida e, enfim, acabou por cultivar abriram espaço para um mundo interior tão vasto e diverso quanto o próprio firmamento. Sua curiosidade nata foi canalizada e orientada

(3) Flannery O'Connor, *Contos completos*, tradução de Leonardo Fróes, CosacNaify, São Paulo, 2008.

por um impressionante rigor intelectual e espiritual. Era uma leitora voraz; lia desde os teólogos católicos antigos e contemporâneos até romances de periódicos. Certa vez, referiu-se a si mesma como uma «tomista caipira»⁴. Ela estava brincando, mas sua definição acaba sendo de grande ajuda. O material bruto de sua ficção era o menor denominador comum da cultura dos Estados Unidos, mas a sensibilidade que transformava a matéria-prima caipira em arte tinha mais em comum com Tomás de Aquino e outras grandes mentes da tradição católica do que com qualquer profissional das letras americanas.

Em carta a seu editor John Selby, Flannery O'Connor fala sobre a «peculiaridade ou solidão [...] da experiência sobre a qual escrevo».⁵ Essa missiva não foi redigida na fazenda em Milledgeville. Flannery escreveu-a no famoso programa de formação de artistas em Yaddo, onde trabalhou lado a lado com figuras literárias como Robert Lowell e Malcolm Cowley. Tinha, ademais, acabado de sair de três anos no Programa de Formação de Escritores de Iowa, um dos mais respeitados programas em Belas Artes do país. Personalidades do circuito literário – não todas, mas muitas – a receberam e reconheceram como um de seus maiores talentos. Quando escrevia sobre a sua solidão, fazia-o de um lugar muito próximo ao epicentro das letras americanas. Desde muito cedo em sua carreira, Flannery zelou com unhas e dentes por sua solidão, por sua singularidade, uma vez que essa singularidade era a mesma de um profeta. Sua voz era a voz de alguém que grita no deserto.

(4) *The Habit of Being*, p. 81.

(5) *Ibid.*, p. 10.

Talvez o comportamento mais inconfundível da vocação de Flannery O'Connor fosse sua disposição a ser mal interpretada. Ela não esperava que o cenário literário compreendesse o que estava fazendo. Tampouco se incomodava quando seus correligionários a compreendiam mal – o que era bom, pois quase todos os cristãos que conheciam sua obra não a compreendiam. Cartas «horrorosas» como a de uma mulher em Boston eram coisa comum: «Ela diz que é católica e por isso não consegue compreender como alguém poderia sequer PENSAR naquelas coisas»⁶.

Entretanto, Flannery O'Connor deixou claro em suas cartas e ensaios que escrevia suas ficções impressionantes não a despeito de sua fé cristã, mas por causa dela. «É quando a fé individual está fraca, e não forte, que teremos medo de uma representação ficcional sincera da vida»⁷, escreveu. Flannery O'Connor escreveu o que via, e o que ela via era, sim, um mundo destruído para além das técnicas de autoajuda, mas também um mundo no qual a transcendência estava sempre ameaçando irromper, fosse bem acolhida ou não. Entre seus oponentes, portanto, estavam não somente os céticos religiosos, mas também os fiéis que achavam que «os olhos da Igreja, da Bíblia ou de sua teologia já haviam tinham feito todo o trabalho de observação em seu lugar»⁸.

O desafio de Flannery O'Connor, sua vocação, consistia em apresentar as verdades da fé a um mundo que, segundo sua maneira de pensar, havia perdido a capacidade de ver e ouvir essas verdades.

(6) Ibid., p. 82.

(7) *Mystery and Manners*, p. 151.

(8) Ibid., p. 163.

Quando é possível presumir que o seu público tem as mesmas crenças que você, pode-se relaxar um pouco e usar os meios normais de comunicação; quando isso não é possível, é preciso tornar a sua visão clara por meio do choque – aos que têm dificuldade de ouvir, você grita; aos quase cegos, você desenha figuras enormes e surpreendentes⁹.

A todas as formas de soberba, autoconfiança e autossatisfação – do pseudointelectualismo ao farisaísmo, passando pelo falso Evangelho do otimismo no período pós-guerra, com seus gurus do pensamento positivo e seus colunistas repletos de conselhos permissivos e de fé na ciência moderna –, a ficção de Flannery brada: «Palavra do Senhor!».

A violência, a morte repentina e a feiura na ficção de Flannery são as figuras gigantes desenhadas para os quase cegos. Se as histórias ofendem as convenções morais, é porque o próprio Evangelho é uma ofensa à moralidade convencional. A graça é um escândalo – ela sempre foi. Jesus estendeu a mão aos leprosos, aos aleijados, às prostitutas e aos derrotados, ao mesmo tempo que chamava os hipócritas de raça de víboras.

Em «Um homem bom é difícil de encontrar», é doloroso ver a avó, inofensiva, só chegar a um acordo com Deus e consigo mesma sob a mira de uma arma. Ainda mais doloroso é vê-la ser assassinada mesmo assim. Num conto mais propriamente moral, ela seria recompensada por sua percepção tardia e sua vida seria poupada. Todavia, a história somente confirma o que os cristãos dizem

(9) Ibid., p. 34.

já acreditar: que perder o corpo pelo bem da alma é uma boa troca. Trata-se de um mistério, e uma parte nada pequena desse mistério está na reação visceral do leitor às verdades em que ele diz acreditar. Flannery O'Connor nos convida a adentrar esses mistérios, mas nunca os soluciona. Ela nunca os reduz a algo controlável.

Em seus textos, Flannery fala com o fervor de um profeta do Antigo Testamento. Ela é como o profeta Isaías, que nunca chega para «consolar o meu povo» – exceto pelo seguinte: há, sim, um tipo de conforto em enfrentar a verdade sobre si mesmo. É isso o que acontece em cada um dos contos de Flannery O'Connor: em determinado momento extremo, o personagem – geralmente um personagem cheio de si, autossuficiente – enfim consegue perceber com clareza sua situação. Ele torna-se responsável diante de um Deus que é a fonte de tudo. Habita mistérios que são muito maiores do que ele mesmo. E, assim, pela primeira vez há esperança, ainda que ele possa não compreendê-la imediatamente.

A verdade dói para os personagens de Flannery O'Connor, e a autora parece assumir, por princípio, que a verdade também não é nada fácil para o leitor. Mas há ao menos um momento em que a autora levanta o véu e oferece ao leitor um vislumbre mais direto do que ela realmente pretende com toda a excentricidade e deformidade de sua ficção. A personagem principal do conto «Revelação» é a arrogante Ruby Turpin, pequena proprietária de terras que passa seus momentos de solidão refletindo sobre o quão grata ela é por ser exatamente quem é e como é, e não uma negra, uma mulher da «ralé branca», alguém feia ou ingrata. Suas reflexões na sala de espera do consultório médico são interrompidas por uma

garota – totalmente estranha a ela – que a golpeia na cabeça com um livro e a sufoca. A menina olha nos olhos da sra. Turpin e diz: «Vai pro inferno, que é de lá que você veio, sua porca velha»¹⁰.

A sra. Turpin interpreta as palavras da garota como uma mensagem de Deus e responsabiliza Deus por isso. Depois de tudo o que passara, ela acredita que merece um tratamento um pouco melhor do Todo-poderoso. Uma família inteira da ralé branca aguardava naquela sala de espera, mas fora ela, Ruby Turpin, a escolhida. «Que história é essa de me mandar uma mensagem dessas?», ela pergunta. «Como posso ao mesmo tempo ser uma porca e eu mesma? Como posso, sendo do inferno, dele estar salva? [...] Se é da ralé que você gosta, mais que de mim, pois então fique com ela [...]. Você podia ter me feito ralé. Ou negra. Por que não me fez ralé, se era ralé que queria?»¹¹.

Talvez essa tenha sido a primeira pergunta honesta que a sra. Turpin fizera, e Deus lhe deu uma resposta. O pôr do sol deixou uma mancha violeta no céu, e, à medida que a sra. Turpin a observa, sua visão da terra dá lugar a uma visão celestial:

Viu a faixa no céu como uma ponte enorme e balouçante que partia da terra para o alto e se estendia por áreas de fogo vivo. Por essa ponte, em horda vasta e turbulenta, almas rumavam para o céu. Eram far-ranchos de brancos da ralé, limpos pela primeira vez na vida, bandos de negros em batas alvas e batalhões

(10) *Contos completos*, p. 620.

(11) *Ibid.*, p. 627.

de aberrações e lunáticos que pulavam como sapos, gritando e batendo palmas. Encerrando o cortejo, uma tribo na qual ela reconheceu de imediato aqueles que, como ela mesma e Claud, sempre tinham tido um pouco de tudo, além da inteligência dada por Deus para ser bem utilizada. [...] Embora só eles tivessem realmente afinados, ainda assim lhe era possível ver, pelo espanto em seus rostos alterados, que até mesmo as suas virtudes estavam sendo consumidas em chamas¹².

Benditos sejam as aberrações e os lunáticos, que têm ao menos bom senso suficiente para não acreditar na própria respeitabilidade ou nas próprias virtudes ou talentos. Nas histórias de Flannery O'Connor, as aberrações estão do nosso lado, deformadas de muitas maneiras pelo Pecado Original. Todos nós, como diz a velha canção, somos «fracos e feridos, doentes e aflitos, [...] perdidos e arruinados pela queda»¹³. A violência e a deformidade nas histórias de Flannery, muitas vezes mal compreendidas por certo tipo de misantropia, revelam-se, por fim, um chamado à misericórdia.

Segundo a visão particular de Flannery, o mundo físico, mesmo em seu estado mais sórdido e feio, é um lugar em que a graça faz suas obras. Na verdade, é *precisamente* o lugar em que a graça faz suas obras. A verdade é dita aqui, não importa o quão alto ela tenha de gritar.

(12) Ibid., p. 629.

(13) Em inglês: «weak and wounded, sick and sore [...] lost and ruined by the fall». São versos da canção «Come, Ye Sinners, Poor and Needy», de Joseph Hart (1759).

I

A garota que lutava com os anjos

Savannah, 1925-1939

«Qualquer um que tenha sobrevivido à infância», escreveu Flannery O'Connor, «tem informações suficientes sobre a vida até o fim de seus dias»¹. A dela começara em Savannah, Geórgia, em 25 de março de 1925. Flannery O'Connor nasceu no St. Joseph's, hospital católico do qual a sua família era importante benfeitora, e foi levada para sua casa na Lafayette Square, na região católica de Savannah. Do outro lado da praça, em frente à sua casa alta e estreita, estava a Catedral de São João, construída, em parte, graças à generosidade de John Flannery, parente do qual Flannery O'Connor herdara o nome. Num dos cantos da praça encontrava-se a St. Vincent's Grammar School for Girls. Do lado oposto, o Marist Brothers School for Boys. Embora a cidade de Savannah (como o restante do sul dos Estados Unidos) fosse majoritariamente protestan-

(1) *Mystery and Manners*, p. 84.

te, os vizinhos de Flannery O'Connor na praça Lafayette e adjacências eram, em sua maioria, católicos.

Os dois lados da família de Flannery eram de católicos irlandeses. O bisavô Patrick O'Connor deixara a Irlanda com o irmão, Daniel, e chegara a Savannah em 1851. Abriu uma estrebaria na Broughton Street, a menos de um quilômetro da Lafayette Square. O filho de Patrick, Edward Francis O'Connor, era vendedor atacadista de doces e tabaco, além de banqueiro em Savannah. Seu filho, Edward Francis Jr., tornar-se-ia o pai de Flannery O'Connor.

Do lado materno, as raízes de Flannery estão ainda mais arraigadas na Geórgia. Seus antepassados, Treanors e Hartys, chegaram ao condado de Taliaferr – a aproximadamente oitenta quilômetros a nordeste de Milledgeville – com um grupo de famílias católicas irlandesas que migraram de Maryland no fim do século XVIII. Por volta de 1845, Hugh Treanor, bisavô de Flannery, chegou a Milledgeville, que era a capital da Geórgia na época, onde tornou-se proprietário de um moinho de grãos banhado pelo rio Oconee. Segundo Flannery O'Connor, a primeira Missa de Milledgeville foi celebrada no quarto de hotel de seu bisavô.

Duas das filhas de Hugh Treanor casaram-se sucessivamente com Peter J. Cline, um comerciante e fazendeiro abastado que, mais tarde, tornou-se prefeito de Milledgeville. Embora fossem católicos, os Cline estavam entre as famílias mais eminentes da Milledgeville protestante. Cline teve dezesseis filhos com suas duas esposas, um dos quais era Regina Cline, mãe de Flannery O'Connor.

Regina Cline conheceu Edward O'Connor em 1922, quando seu irmão se casou com a irmã de Edward. O belo veterano da Primeira Guerra Mundial estava um

pouco abaixo da posição social de Regina, mas, aos vinte e seis anos (mesma idade de Edward), Regina sentia certa urgência em encontrar um marido. Em 14 de outubro de 1922, menos de três meses depois de se conhecerem, os dois estavam casados.

Alguns meses depois do casamento, Katie Semmes, prima de Regina, ofereceu aos O'Connor um empréstimo que lhes permitiu se mudar para a casa que ela tinha na praça Lafayette. Numa família repleta de mulheres fortes e independentes, a prima Katie era uma figura distinta. Com cinquenta e poucos anos à época, era viúva de Raphael Semmes, sobrinho de um célebre almirante confederado de mesmo nome. Também era bastante afortunada, pois seu pai, John Flannery, banqueiro e comerciante de algodão, deixara-lhe uma herança de aproximadamente um milhão de dólares. A prima Katie era bastante generosa, também. Além de contribuir com as negociações de seus primos, financiou o Flannery Memorial Wing, no Hospital St. Joseph, a alguns quarteirões de sua casa. Quando Regina O'Connor deu à luz sua filha, naquele mesmo hospital, deu-lhe o nome de Mary Flannery em homenagem à prima que havia sido tão generosa com ela e Edward.

Entretanto, mesmo com toda a sua generosidade, a prima Katie era bastante controladora. Quando comprou e mudou-se para a casa vizinha à dos O'Connor, fez pairar sobre eles uma sombra ainda mais extensa. Com efeito, ela comprou duas casas na Lafayette Square além daquela onde vivia a família O'Connor e derrubou uma delas para ter onde estacionar o seu carro elétrico.

Os negócios imobiliários de Edward O'Connor iam mal, e por isso o casal preocupava-se em manter boas re-

lações com a prima Katie. O biógrafo John Cash relata uma conversa que teve com a irmã Consolata, uma das professoras de Mary Flannery no St. Vincent: «Eu costumava chamá-la de Mary O’Connor», disse a freira, «e um dia sua mãe chegou aqui dizendo: “Irmã, por favor, aconteça o que acontecer, pode ignorar o Mary, mas lembre-se de chamá-la de Flannery por causa da nossa renda”»².

A menina foi chamada de Mary Flannery durante toda a infância, até mudar-se para o Iowa em sua especialização. Mary Flannery era uma criança incomum – embora não uma Wandinha da Família Addams, como os leitores de suas histórias talvez venham a imaginar. Filha única, passava quase todo o seu tempo em meio aos adultos, e já com pouca idade falava com eles como se fossem iguais³. Ela sempre chamou os pais pelo primeiro nome.

Os pais de Mary Flannery idolatravam sua filhinha genial e eram superprotetores com ela. Quando começou a ir à escola, na St. Vincent, do outro lado da praça, Regina a acompanhava todos os dias em vez de deixá-la caminhar com seus colegas de classe, que iam quase todos sozinhos. Mary Flannery atravessava a praça para almoçar em casa em vez de comer com as outras garotas, até que as freiras mudassem as regras, fazendo-a comer na escola. Ela então levava sanduíches de óleo de rícino para que seus colegas não a pedissem para compartilhar seu lanche.

Mary Flannery não chegou a ser propriamente admirada pelos colegas, e a recíproca era verdadeira. Quando Regina a fez frequentar aulas de balé, sua aparência desajeitada tornou-se a representação de seu embaraço

(2) Jean Cash, *Flannery O’Connor: A Life*, p. 11.

(3) *Ibid.*, p. 16.

social. Voltando-se para esse período na vida adulta, Flannery escreveu:

Na minha infância, fui forçada a dançar para desfrutar da companhia de outras crianças e para me tornar graciosa. Não havia nada que detestasse mais do que a companhia de outras crianças, e jurei que encontraria todas no inferno antes de fazer qualquer movimento gracioso⁴.

Ela sempre descreveu-se a si mesma na juventude como «a filha única com dedos de pombo e queixo recuado, dotada de um complexo de deixe-me-em-paz-ou-vou-te-morder»⁵.

Grande parte do tempo livre de Mary Flannery com as outras crianças era combinado e planejado por Regina, e na maioria das vezes consistia em Mary Flannery colocando as amigas sentadas e fazendo-as ouvir as histórias que havia escrito. Uma prima recorda da pequena Mary amarrando uma de suas amigas numa cadeira. Outra amiga de infância a descreveu não como uma menina reclusa, mas afligida por uma solidão que se acentuava pelo fato de ela simplesmente não saber fazer amigos. E sua mãe, ao que parece, não lhe deu muitas oportunidades de aprender por conta própria. Regina tinha uma lista de crianças que podiam brincar com a sua filha e a levava muito a sério. Certa feita, uma colega foi brincar na casa dos O'Connor – a convite de

(4) *The Habit of Being*, p. 146.

(5) *Flannery: A Life of Flannery O'Connor*, p. 30. Gooch cita uma «biografia» que Flannery O'Connor escreveu e que está na biblioteca da Georgia College & State University.

Regina –, mas cometeu o erro de levar uma amiguinha que não havia sido convidada. Regina mandou as duas garotas de volta pra casa⁶.

As relações que Mary Flannery não tinha com os seus colegas ela tentava ter com as galinhas e patos criados no quintal de casa. De acordo a própria Flannery, sua obsessão com as galinhas surgiu com seu primeiro contato com a fama. De alguma forma, a equipe da *Pathé News* – que faziam cinejornais para passar nos cinemas – descobriu que uma de suas galinhas conseguia caminhar para trás. Foi enviado um cinegrafista de Nova York até Savannah para registrar a galinha especial e sua dona de cinco anos de idade.

«Depois daquele dia com o cinegrafista da *Pathé*, comecei a colecionar galinhas», escreveu.

O que antes era um leve interesse tornou-se uma paixão, uma missão. Eu precisava ter mais e mais galinhas. Preferia aquelas com um olho verde e outro laranja, ou com pescoços mais longos e cristas tortas. Queria uma com três pernas ou três asas, mas nada nessa linha me apareceu. [...] Eu sabia costurar, e comecei a fazer roupas para elas. Um garnisé chamado Colonel Eggbert ganhou um casaco de piqué branco com gola rendada e dois botões nas costas⁷.

Ao que parece, seu gosto pelo inusitado – e seu interesse pelo grotesco – começou cedo. Em suas redações escolares, Flannery escrevia sobre galinhas e patos quer

(6) Cash, pp. 17-18.

26 (7) *Mystery and Manners*, p. 4, do ensaio “King of Birds”.

fossem esses os temas adequados à tarefa ou não (e normalmente não eram). Quando estudou economia doméstica na escola, fez roupas para um pato. Desenhava imagens de galinhas («começando pela cauda, a mesma galinha todas as vezes») e escrevia histórias sobre gansos. As aves da fazenda tornaram-se um passatempo permanente para ela – até chegar o pavão, que se tornou a sua marca registrada.

Quando não estava com seus patos e galinhas, Mary Flannery normalmente escrevia e desenhava. Ela datilografou e encadernou diversas cópias de um livreto intitulado *My Relatives* [«Meus parentes», escrito segundo a pronúncia interiorana], no qual descrevia em tom satírico alguns membros de sua família. Brad Gooch escreveu que «a série de retratos era tão bem elaborada e desconfortavelmente próxima da vida real que os parentes retratados [...] hesitaram – ou simplesmente não quiseram – em reconhecer a si mesmos». Sobre isso, Flannery escreveu à amiga Maryat Lee: «Não teve uma recepção muito boa»⁸.

Mary Flannery também se interessou por caricaturas, as quais, porém, só encontraram expressão posteriormente. Kathleen Feeley declarou, sobre uma caricatura da juventude de Flannery, que era reveladora em muitos sentidos. O desenho, intitulado *Age 9* [«9 anos»], retrata Regina, Edward e Mary Flannery O'Connor. A mãe diz: «Mantenha a cabeça erguida, Mary Flannery, e você está tão mal quanto ela, Ed». A garotinha respondia: «Estava lendo em algum lugar que alguém morreu por manter a cabeça erguida»⁹. A mãe superprotetora dava ordens

(8) *A Life of Flannery O'Connor*, p. 39.

(9) *Realist of Distances*, p. 67.

tanto à filha como ao marido. A filha a desafiava; o pai permanecia em silêncio – não se defendia e não corrigia a menina. A síntese com que Flannery, aos nove anos e numa só imagem, conseguiu captar a dinâmica familiar é surpreendente, e sua capacidade de narrar detalhes que revelam a história toda viria a tornar-se característica marcante de sua ficção.

Na infância, Flannery O'Connor também foi uma leitora voraz, embora suas leituras não fossem sempre as mais edificantes. Lia mitos gregos e romanos de uma enciclopédia infantil, mas também confessou que se dedicava a obras pouco instrutivas.

As outras coisas que eu lia não passavam de Preguiça com P maiúsculo. À fase da Preguiça seguiu-se a fase Edgar Allan Poe, que durou quatro anos e consistiu principalmente de uma edição chamada *The Humerous Tales of E. A. Poe*. Eram muitos contos – um deles sobre um jovem que era vaidoso demais para usar seus óculos e, conseqüentemente, desposa por acaso a própria avó; outro sobre um belo homem que, em seu quarto, despia-se de braços e pernas de madeira, peruca, dentes artificiais, tom de voz, etc., etc.; e mais outro sobre os pacientes de um sanatório que assumem o controle do local e passam a administrá-lo segundo os próprios critérios. Essa é uma influência sobre a qual prefiro não pensar¹⁰.

Que a própria Flannery preferisse não pensar sobre a influência de Poe é compreensível, mas é difícil para

nós leitores não abrir um sorriso ao imaginar essas histórias cômicas e macabras, com suas pernas de madeira e sanatórios, entrando no imaginário de Mary Flannery e manifestando-se anos depois nas histórias grotescas de sua carreira autoral.

* * *

Os O'Connor eram uma família devota, que ia à Missa diariamente. «Eu nasci católica», Flannery O'Connor escreveu a uma amiga, «frequentei escolas católicas na infância e nunca larguei ou quis largar a Igreja»¹¹. Entretanto, os O'Connor também transmitiram à filha certa independência em relação a assuntos que julgavam não ter importância teológica – sobretudo as regras estabelecidas pelas freiras da St. Vincent. Talvez isso viesse do fato de a família de Regina ser uma importante benfeitora das instituições católicas de Savannah e Milledgeville, mas os O'Connor esperavam certa flexibilidade quando se tratava das regras que seus conterrâneos seguiam. Mary Flannery, por exemplo, ignorava a Missa infantil obrigatória na Catedral de São João aos domingos para assistir à Missa com os pais. Toda segunda-feira de manhã, as freiras da St. Vincent verificavam o registro de presença para ver se as alunas haviam comparecido à Missa das crianças, e o nome de Mary Flannery nunca estava lá. Uma colega de classe lembrou que «ela ficou em pé e disse à irmã: “A Igreja Católica não dita à minha família o horário que devo ir à Missa”»¹². Flannery tinha seis anos de idade quando disse isso.

(11) *Ibid.*, p. 114.

(12) *A Life of Flannery O'Connor*, pp. 33-34.

A relação de Flannery O'Connor com as autoridades religiosas sempre fora complexa. Em assuntos de máxima importância, ela se submetia inequivocamente aos ensinamentos da igreja. Estimava o dogma, descrevendo-o como «guardião do mistério». Diante dos grandes mistérios, confiava na doutrina da Igreja com a certeza de que não precisava compreender nada para crer.

Por outro lado, Flannery não tinha muita paciência para manifestações sentimentais da fé, mesmo se viessem daqueles em posição de autoridade. Falava com desdém das «histórias infantis e histórias de freiras e histórias de menininha – uma insípida desconfiança católica de encontrar Deus em ação em qualquer medida ou profundidade»¹³. Se a Igreja que educou Flannery desde o berço angustiava-lhe («Parece verdadeiro que é preciso sofrer tanto com a Igreja quanto pela Igreja», escreveu), era porque nunca cogitaria encontrar sentido em qualquer outro lugar. Escreveu: «Creio que a Igreja seja a única coisa que tornará suportável o mundo terrível em que vivemos; a única coisa que torna a Igreja suportável é que, de alguma forma, ela é o Corpo de Cristo, e desse corpo somos alimentados»¹⁴.

A imagem do artista atormentado a lidar com os próprios demônios é um clichê consagrado. No caso de Flannery O'Connor, a batalha era contra seus anjos. Quando estudante na St. Vincent, ela escutava com frequência que tinha um anjo da guarda que nunca saía de seu lado. A ideia não parecia tão reconfortante à pequena Mary Flannery:

(13) *The Habit of Being*, p. 139.

(14) *Ibid.*, p. 90.

Desenvolvi algo a que os freudianos nunca deram nome – um complexo antiangélico, por assim dizer. Dos oito aos doze anos cultivei o hábito de me trancar sozinha num quarto de vez em quando e, com um rosto feroz (e mau), rodar em círculos com os punhos cerrados, golpeando o anjo. [...] Minha antipatia por ele era venenosa. Tenho certeza de que o chutei e caí no chão. Não era possível ferir um anjo, mas eu teria me contentado em saber que sujei as suas penas¹⁵.

Sobre a ficção de Flannery O'Connor, já se disse que se ambienta no Antigo Testamento, na medida em que «a relação dos personagens com Deus é direta, e não por meio de outra pessoa»¹⁶. O mesmo pode ser dito a respeito da garotinha solitária a debater-se contra o anjo da guarda. Há uma paixão, e mesmo uma ferocidade, que remete ao Antigo Testamento. Ela acreditava no anjo não porque aquilo a «satisfazia emocionalmente»¹⁷, mas porque tinha total certeza de que ele era real. Não obstante seu espanto e raiva, não lhe parece ter ocorrido duvidar mais do que duvida uma criança rebelde de seus pais. Jacó também lutara contra um anjo, agarrando-se à sua vida até que obtivesse uma bênção e uma ferida que o deixou manco pelo resto da vida.

* * *

No início do sexto ano do ensino fundamental, abruptamente, Regina tirou Flannery O'Connor da escola da

(15) Ibid., pp. 131-132

(16) Ibid., p. 111.

(17) Ibid., p. 100.

vizinhança e a colocou na Sacred Heart School, que ficava a apenas um quilômetro e meio de distância, mas pertencia a outra paróquia. Abandonar a St. Vincent era uma atitude um tanto ousada a paroquianos tão fiéis como os O'Connor e causou certo burburinho entre os vizinhos, que começaram a especular as razões para mandar a filha à abastada escola da Abercorn Street¹⁸.

A mudança para a Sacred Heart foi a primeira de muitas outras mudanças que Mary Flannery experimentaria ao longo dos anos seguintes. É claro: ela estava entrando numa fase da vida em que tudo muda. Porém, mesmo sendo tão adulta em alguns aspectos, noutros ela apegava-se obstinadamente à sua infância, resistindo às mudanças internas pelas quais as meninas passavam com a chegada da puberdade. «Quando eu tinha doze anos decidi, na minha cabeça, que definitivamente não cresceria mais», escreveu aos 29 anos.

Não lembro como pretendia interrompê-la. Havia na «adolescência» algo relacionado a qualquer coisa que me era repulsiva. Decerto não aprovava o que via nas pessoas daquela idade. Era uma garota de doze anos um tanto idosa; minhas opiniões naquela idade teriam feito jus a um veterano da Guerra Civil. Sou muito mais jovem agora do que era aos doze – ou melhor, menos atormentada. O peso dos séculos recai sobre as crianças, tenho certeza disso¹⁹.

Foi em 1937 – ano em que Mary Flannery completou doze anos – que seu pai manifestou os primeiros sinais do

(18) *A Life of Flannery O'Connor*, pp. 40-41.

(19) *The Habit of Being*, p. 249.

lúpus, doença autoimune que iria matá-lo quatro anos depois. A mesma doença mataria Flannery O'Connor aos 39 anos de idade. Naquele estágio inicial, quando as primeiras lesões cutâneas começaram a aparecer no rosto de Edward, a família aparentemente não discutiu abertamente a doença. Flannery, porém, era uma garota observadora: provavelmente sabia que algo estava errado. No fim da década de 1930 não havia nenhum tratamento eficaz contra o lúpus, bem como na época em que ela mesma viria a contrair a doença, em 1950. A vítima simplesmente sofria até falecer, com o sistema imunológico destruindo diversos sistemas corporais. O paciente estava sujeito a todos os tipos de dores, enfermidades e febres. E o cansaço... Sempre havia o cansaço. Os amigos de infância de Flannery que conseguem se lembrar um pouco de Edward O'Connor recordam que ele regularmente tirava sonecas depois do almoço²⁰.

Mesmo na efervescência dos anos 1920, e mesmo com o apoio financeiro da prima Katie, os negócios imobiliários de Edward O'Connor nunca prosperaram. E não surpreende que as coisas não tenham melhorado nada durante a Depressão. Ele teve um sucesso consideravelmente maior, mas menos remunerado, como veterano: em 1936, foi eleito comandante da Legião Americana do Estado da Geórgia. A Legião era a única área em sua vida que não se encontrava dominada por sua esposa e pelas mulheres de sua família.

No fim de 1937, Edward O'Connor procurava explorar suas conexões familiares (com a família de sua esposa) em busca de empregos públicos com salários mais

(20) Cash, p. 9.

regulares do que obtinha nos negócios imobiliários. Em 1938 seus esforços deram resultado: conseguiu um emprego em Atlanta como avaliador da Federal Housing Authority.

Os O'Connor deixaram Savannah na primavera de 1938. Nunca mais voltariam a morar ali. Regina e Mary Flannery se mudaram para a casa dos Cline em Milledgeville, passando a viver com as irmãs mais velhas solteiras de Regina: Mary Cline (depois chamada de «Irmã») e Katie Cline. Mary exercia o papel de matriarca da mesma maneira como Katie Semmes o fizera em Savannah.

Durante a semana, Edward O'Connor passava as noites em Atlanta. Aos fins de semana, pegava a estrada para Milledgeville a fim de ficar com a esposa, a filha e suas cunhadas. Visitante de fim de semana, ele era menos importante do que nunca à vida cotidiana na casa da família Cline.

Em 1939, Regina e Mary Flannery mudaram-se para Atlanta: foram morar com Edward numa casa na região de Buckhead. Mary Flannery frequentou a North Fulton High School no ano escolar de 1939 a 1940, mas no início do ano seguinte ela e a mãe voltaram a Milledgeville com as tias. Edward ficou com dois irmãos de Regina numa pensão conhecida como Bell House.

Naquele outono, a saúde debilitada de Edward começou a deteriorar-se. Ele foi forçado a abandonar o trabalho em Atlanta e voltar para Milledgeville, e doravante não viveria muito mais tempo. Morreu no início de fevereiro de 1941, aos 45 anos.

Flannery O'Connor escreveu muito pouco sobre o pai. Quando o fez, porém, foi com ternura. «Eu realmente só

o conhecia por uma espécie de instinto²¹», escreveu aos 31 anos, já atingida pela doença que o matara. Enquanto Regina expressava seu amor impondo uma ordem imensamente eficiente à vida de sua filha, garantindo que ela tivesse todas as oportunidades e vantagens possíveis, Edward parecia expressar seu amor na alegria pura e simples. Encorajava a criatividade da filha e levava consigo seus desenhos de criança para mostrar aos amigos. Rodeada de mulheres ferozmente enérgicas, Flannery O'Connor via no pai uma alma gêmea – para melhor e para pior: «Nunca irei romantizá-lo», disse, «pois carrego a maioria de seus defeitos, bem como os seus gostos»²².

Flannery pensava em seu pai como um escritor frustrado, um homem que teria escrito muito mais do que os discursos da Legião Americana se não vivesse mergulhado nas responsabilidades da vida familiar – responsabilidades que ela mesma não tivera. Flannery escreveu que

precisar muito das pessoas e não tê-las pode conduzir você numa direção criativa, contanto que tenha os outros atributos necessários. [Meu pai] precisava das pessoas, creio, e as tinha. Ou talvez as quis e as teve. Eu as quis e não tive. [...] Qualquer coisa que eu faça no campo da escrita me deixa muito satisfeita, pensando que pode ser a realização do que ele mesmo quisera ter feito²³.

O pai, que era ausente de tantas maneiras, esteve, assim, presente em toda a sua obra.

(21) *The Habit of Being*, p. 166.

(22) *Ibid.*, 168.

(23) *Ibid.*, 169.